



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15242>

**DOI: 10.20396/rhac.v2i1.15242**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2021 by Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## Documento

# *Cartas de um Pintor*: as publicações de Pedro Américo na *Gazeta de Notícias* entre 1884 e 1885

*Letters from a painter*: Pedro Américo's letters for *Gazeta de Notícias* between 1884 and 1885

DOI: 10.20396/rhac.v2i1.15242

FABRICCIO MIGUEL NOVELLI DURO

Doutorando em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP

 0000-0003-4990-605X

## Resumo

Este artigo tem como objetivo a apresentação e a publicação integral da série *Cartas de um Pintor*, escrita pelo artista Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905) para o periódico *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1884 e 1885. O conjunto de oito cartas, em parte ainda desconhecidas, foi iniciado em Florença e concluído no Rio de Janeiro. As correspondências abarcam assuntos diversos e impressões de Américo a respeito de locais pelos quais passou. A cronologia das publicações atesta a chegada de Pedro Américo no Brasil durante a realização da Exposição Geral de 1884.

**Palavras-chave:** Itália. Literatura de viagem. Literatura artística. Século XIX. Exposição Geral de 1884.

## Abstract

This article aims to discuss and to publish the series *Cartas de um Pintor* (*Letters from a painter*), written by the Brazilian artist Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905) for the newspaper *Gazeta de Notícias* between the years 1884 and 1885. The eight letters set, partially unknown, started being written in Florence and was finished in Rio de Janeiro. The correspondence covers a wide range of subjects and Américo's impressions regarding the places he travelled through. The chronology of the letters proves the arrival of Pedro Américo in Brazil during the 1884's General Exhibition.

**Keywords:** Italy. Travel literature. Artistic literature. 19<sup>th</sup> century. 1884's General Exhibition.

### **Cartas de um Pintor: as publicações de Pedro Américo na Gazeta de Notícias entre 1884 e 1885**

Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905) é um nome incontornável para a história da arte no Brasil. Durante a sua vida, o artista atuou como pintor, ofício por meio do qual se notabilizou, ao passo que foi caricaturista, professor de desenho, de pintura histórica e de história da arte, deputado e escritor. Telas de sua autoria espalham-se por acervos de relevantes instituições artísticas brasileiras e configuram o nosso imaginário sobre alguns episódios da história nacional, como *Batalha do Avaí*, *Independência ou Morte* e *Tiradentes Esquartejado*, entre outras. Menos conhecidos do que os resultados dos seus pincéis, os escritos de Pedro Américo também se revelam numerosos, oferecendo outra entrada para a compreensão de sua atuação artística.

Uma quantidade razoável dos seus escritos foi publicada ainda em vida, dentre os quais *O holocausto* (1882)<sup>1</sup>, *Amor d'Esposo: narrativa historica* (1886)<sup>2</sup>, *O Foragido* (1899)<sup>3</sup> e *Na cidade eterna (sonho de juventude)* (1901)<sup>4</sup>. Há notícia de outro livro de sua autoria, um romance de costumes brasileiros intitulado *O provinciano*, que, se chegou a ser publicado, não manteve o título idealizado inicialmente<sup>5</sup>. Entre outros textos, sua tese de doutorado, *La Science et les Systèmes: questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle* (1869)<sup>6</sup> e alguns discursos de sua autoria também foram publicados em vida, como folhetos ou coletâneas. Nas últimas duas décadas, o pesquisador Silvano Alves Bezerra da Silva tem atuado intensamente na reedição e publicação tanto dos livros de autoria do artista quanto de suas biografias, inaugurando, mais recentemente, a *Coleção Pedro Américo*, por ele coordenada<sup>7</sup>.

A série *Cartas de um Pintor*, aqui apresentada, foi originalmente publicada no periódico *Gazeta de Notícias* entre os meses de agosto de 1884 e fevereiro de 1885. Diferentemente dos textos de sua autoria que foram compilados e publicados em formato de livro, o conjunto de oito correspondências ainda não

---

<sup>1</sup> FIGUEIREDO, Pedro Américo de. **O holocausto**. Florença: Typographia Cenniniana, 1882. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5236>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>2</sup> AMÉRICO, Pedro. **Amor d'Esposo: narrativa historica**. Florença: Imprensa de l'Arte della Stampa, 1886. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5256>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>3</sup> FIGUEIREDO, Pedro Américo de. **O foragido**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5232>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>4</sup> AMÉRICO, Pedro. **Na cidade eterna (sonho de juventude)**. Paris: Aillaud & cia, 1901. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5244>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>5</sup> A respeito desse romance, informa-nos o periódico: "Não foi só a pintura que o Dr. Pedro Americo se dedicou, durante a sua longa estada na Europa. Além dos seus bellos quadros, trouxe alguns trabalhos litterarios ineditos, entre os quaes *O provinciano*, romance de costumes brasileiros, o qual será publicado brevemente". GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, n. 277A, 3 out. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_02/7602](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/7602). Acesso em: 06 mar. 2021.

<sup>6</sup> A sua tese foi traduzida e publicada em português. Cf. MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **A ciência e os sistemas**: questões de história e de filosofia natural. Tradução de Gabriel Alves de Oliveira. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

<sup>7</sup> Dentre os livros reeditados pelo autor, podemos citar *Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os Antigos* (2006), *Discursos Parlamentares: 1891 a 1892* (2015), *O Holocausto* (2016) e *Amor d'Esposo: narrativa histórica* (2019), assim como a primeira biografia do artista, publicada em 1871 por Luís Guimarães Junior, reeditada como *Pedro Américo: biografia* (2015).

havia sido reunido e publicado integralmente. As três primeiras cartas haviam sido encontradas e recolocadas em circulação por meio da contribuição dos pesquisadores Camila Dazzi e Hugo Guarilha ao *site DezenoveVinte*<sup>8</sup>. Após travarmos contato com as três cartas iniciais, enviadas pelo artista da Itália, encontramos, durante nossa pesquisa de mestrado<sup>9</sup>, outras cinco cartas da série. Com a reunião e a transcrição dessa publicação, em parte inédita aos pesquisadores, esperamos que as *Cartas de um Pintor* sejam trazidas à tona enquanto conjunto e possam contribuir com futuras pesquisas sobre o artista, sua atuação e trajetória<sup>10</sup>.

As cartas apresentam a assinatura do artista em três países diferentes: as quatro primeiras cartas são assinadas da Itália, a quinta, da França e as três últimas, do Brasil. As “movimentações” indicadas nos documentos são compatíveis com os dados conhecidos da vida do artista e trazem maiores detalhes sobre o seu deslocamento nesse pequeno intervalo. Américo inicia sua série na cidade em que habitava na

<sup>8</sup> FIGUEIREDO, Pedro Américo de. Pedro Américo: “Cartas de um Pintor”. Contribuição de Camila Dazzi e Hugo Guarilha. *DezenoveVinte*. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/txt\\_artistas/cartas\\_pedroamerico.htm](http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/cartas_pedroamerico.htm). Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>9</sup> As cartas foram encontradas durante nossa pesquisa de mestrado, desenvolvida sob orientação da Dra. Elaine Dias e com financiamento da FAPESP e da CAPES (processo FAPESP 16/01908-4). Cf. NOVELLI DURO, Fabriccio Miguel. **Pedro Américo e a Exposição Geral de 1884: pintura histórica religiosa e orientalismo**. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018b. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/52725>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>10</sup> Existe uma série de estudos realizados sobre diferentes aspectos da produção artística de Pedro Américo e sua trajetória, dentre os quais: ZACCARA, Madalena. **Pedro Américo: vie et oeuvre**. Son rôle dans la peinture du Brésil au XIXème siècle. 1995. Tese (Doutorado em História da Arte) – Departement d’Histoire de l’Art et Archéologie, Université de Toulouse II – le Mirail, Toulouse, 1995; e sua versão em livro, ZACCARA, Madalena. **Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. SÁ, Ivan Coelho de. **A Academização da pintura romântica no Brasil e sua ligação com o pompierismo francês: o caso de Pedro Américo**. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/10132>. Acesso em: 12 mar. 2021. ROSEMBERG, Liana Ruth Bergstein. **Da imagem retórica: a questão da visualidade na pintura de Pedro Américo no Brasil Oitocentista**. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; e sua versão em livro, ROSEMBERG, Liana Ruth Bergstein. **Pedro Américo e o olhar oitocentista**. Rio de Janeiro: Barroso Edições, 2002. OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles; MATTOS, Cláudia Valladão de (org). **O Brado do Ipiranga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999. OLIVEIRA, Vladimir Machado de. **Do esboço pictórico à rotunda dos dioramas: a fotografia na pintura das batalhas de Pedro Américo**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Américo e “Tiradentes Esquartejado”**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281081>. Acesso em: 02 mar. 2021. BARROS, Francisca Argentina Gois. **A arte como princípio educativo: uma nova leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3164>. Acesso em: 02 mar. 2021. MACIEL, Fabio d’Almeida Lima. **O jovem Pedro Américo entre arte, ciência do belo e um outro nacional**. 2016. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03032017-160317>. Acesso em 02 mar. 2021. SILVA, Eliane Pinheiro da. **A construção do visível: alegoria na pintura brasileira na segunda metade do século XIX**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-17042018-143000>. Acesso em 02 mar. 2021. NOVELLI DURO, op. cit. Especificamente sobre a pintura *Batalha do Avaí*, Cf. COLI, Jorge. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005; SCHWARCZ, Lília Moritz; LIMA JUNIOR, Carlos; STUMPF, Lúcia Klück. **A Batalha do Avaí: a beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

Itália, em Florença (04/07/1884; 16/07/1884), passa por Turim (24/07/1884), Asti (05/08/1884), Paris (18/08/1884), terminando-a no Rio de Janeiro (25/11/1884; 14/01/1885; 18/02/1885). A chegada do pintor à cidade brasileira acontece em setembro<sup>11</sup>, durante a realização da Exposição Geral de 1884. A relação entre as publicações, o retorno de Pedro Américo ao Rio de Janeiro e a exposição daquele ano não é fortuita.

Como fora apontado por Camila Dazzi, “os artigos [...] são o destaque do mês de agosto no periódico, um dos mais lidos no Rio de Janeiro de então”<sup>12</sup>. Era naquele mês, precisamente ao dia 23, sábado, que se inaugurava a exposição da Academia Imperial, rompendo-se o hiato de cinco anos desde a edição anterior, a Exposição Geral de 1879<sup>13</sup>. No exemplar da *Gazeta de Notícias* daquele dia, após se fornecerem algumas informações sobre a edição atual da mostra, podia-se ler:

Para terminar, uma boa noticia, que supomos que os nossos leitores receberão com prazer.

Tínhamos pedido, ha tempos, a Pedro Americo, o nosso notavel pintor, que na Italia tanto honra o nome brasileiro, e que além de um grande artista, é um escritor apreciavel, que nos mandasse alguns artigos, principalmente sobre arte.

O nosso festejado artista correspondeu amavelmente a este convite, e já recebemos tres artigos. Expressamente guardamos o primeiro para hoje, para solemnizar assim a abertura da nossa exposição artística.<sup>14</sup>

As cartas de Pedro Américo se inseriam tanto em uma prática já presente nas colunas daquele jornal, dos correspondentes<sup>15</sup>, quanto reverberavam a sua imagem enquanto artista. Na *Gazeta de Notícias*, podemos associar os envios de Américo, “escritor apreciável”, à tradição das *Cartas de Inglaterra*, *Cartas Portuguesas*, *Cartas de Paris* e *Correio de França*, colunas assinadas por nomes como Eça de Queirós,

<sup>11</sup> Ao contrário do que se afirmou até então, Pedro Américo chega ao Brasil ainda em 1884, assumindo atividades junto à instituição de ensino artístico. Além das informações na assinatura de sua sexta carta e de notícias publicadas nos periódicos, pode-se ler na ata da congregação de professores: “[o] Snr. Cons. Director communica á Congregação que tendo o Sr. Dr. Americo, em sua volta da Europa, assumido no dia 20 de Setembro o exercicio de sua cadeira, Sua Ex.cia o designou para fazer parte da Comissão incumbida de julgar os trabalhos da actual Exposição Geral [...]”. Cf. ATAS Sessões da Presidência do Diretor 1882-1890, 6 nov. 1884. Acervo Arquivístico do Museu Dom João VI, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Notação 6153.

<sup>12</sup> DAZZI, Camila Carneiro. **Relações Brasil-Itália na arte do segundo oitocentos: estudo sobre Henrique Bernardelli (1880 a 1890)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, p. 26. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281528>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>13</sup> Foi nessa edição do evento que a exibição das obras *Batalha do Avaí* de Pedro Américo e *Batalha de Guararapes* de Victor Meirelles provocou um polêmico embate na crítica de arte do período. Cf. GUARILHA, Hugo Xavier. **A questão artística de 1879**: um episódio da crítica de arte no segundo reinado. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/278645>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>14</sup> EXPOSIÇÃO de Bellas Artes. **Gazeta de Notícias**, RJ, n. 236, 23 ago. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_02/7412](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/7412). Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>15</sup> A respeito da prática dos correspondentes e do papel da *Gazeta de Notícias* no seu estímulo Cf. LUCA, Tania Regina de. Correspondente no Brasil. Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 5, n. 1, set. 2016, p. 112-125. Disponível em: <http://www.surlejournalisme.ghost.net/rev/index.php/slj/article/view/247>. Acesso em: 02 mar. 2021.

Ramalho Ortigão, Guilherme de Azevedo e Mariano Pina, correspondentes estrangeiros<sup>16</sup>. Ao mesmo tempo, Américo não assinava uma coluna intitulada “Cartas da Itália”, mas as *Cartas de um Pintor*, o que reforçava o seu lugar de “notável pintor” e “grande artista”.

Na publicação, Américo compartilha suas impressões a respeito dos espaços geográficos pelos quais passou, com especial destaque à Itália. O artista brasileiro versa sobre diversos temas, sem deixar de lado assuntos artísticos, como a frequência de realização das exposições, a aquisição de obras de arte e o incentivo do governo aos artistas no território italiano. Mesmo quando trata de práticas externas ao Brasil, podemos inferir que Américo apresenta modelos possíveis para o Rio de Janeiro e pontua questões que deveriam ser discutidas em âmbito local, já que evidenciam mazelas do nosso sistema artístico<sup>17</sup>.

É possível que o conjunto de correspondências também tenha sido publicado no periódico *Cosmopolita*, entre artigos em italiano, francês e português. Tivemos acesso a apenas uma edição desse periódico, de 27 de agosto de 1884, onde podemos ler parte da primeira carta traduzida para o italiano na coluna *L'Italia (Cartas de um Pintor)*<sup>18</sup>. Assim introduz-se o texto de Américo:

Dal nostro collega la *Gazeta de Noticias*, transcriviamo tradotti alcuni brani d'un articolo che onorano altamente l'Italia. Non ci lasciamo sfuggire l'occasione di esprimere i nostri sentimenti di gratitudine al nostro simpatico collega, il quale, tutte le volte che si tratta del nostro bel paese, non lascia d'esprimersi in termini assai benigni e pleno di stima e simpatia.<sup>19</sup>

Ao mesmo tempo em que os seus testemunhos eram publicados, as suas obras poderiam ser vistas na Exposição Geral, e a repercussão crítica delas, acompanhada nos periódicos locais. Em meio a esses acontecimentos, o então professor licenciado de “História das Bellas-Artes, Esthetica e Arqueologia” chegava ao Rio de Janeiro, retomando o seu posto e demais atividades junto à Academia Imperial<sup>20</sup>. De alguma maneira, a

<sup>16</sup> Sobre a rede de correspondentes estrangeiros atuando junto à *Gazeta de Notícias*. Cf. MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal. *Via Atlântica*, n. 8, dez. 2005, p. 220-229. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>17</sup> A respeito das atuações de Pedro Américo e de seu irmão Aurélio de Figueiredo na tentativa de superarem as limitações impostas pelo sistema artístico local no contexto da Exposição Geral de 1884. Cf. NOVELLI DURO, Fabriccio Miguel. Ateliês, exposições, aquisições: lugares e estratégias de atuação de Pedro Américo e Aurélio de Figueiredo na década de 1880. In: PITTA, Fernanda (org.). **Trabalho de artista: imagem e autoimagem (1826-1929)**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018a, p. 201-218.

<sup>18</sup> Ao final da coluna, pode-se ler “(Continua)”. Trata-se de um indício de que as cartas de Pedro Américo continuariam a ser veiculadas por aquele periódico.

<sup>19</sup> COSMOPOLITA. L'Italia (Cartas de um Pintor). Exposição de Bellas Artes. *Cosmopolita*, RJ, n. 28, 27 ago. 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778109/5>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>20</sup> Cf. NOVELLI DURO, Fabriccio Miguel. Outra imagem para um conhecido artista: a participação de Pedro Américo na Exposição Geral de 1884. In: MARTÍN CHILLÓN, Alberto et al (org). **O Artista em Representação; Coleções de Artistas**. Anais eletrônicos do X Seminário do Museu D. João VI & VI Colóquio Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020, p. 459-472. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348276489>. Acesso em: 02 mar. 2021.

contribuição de Pedro Américo à *Gazeta de Notícias* prenuncia o seu retorno à corte depois de anos na Itália. Foi nesse contexto que suas *Cartas de um Pintor* vieram a público pela primeira vez.

É importante destacar que Pedro Américo não era estranho à dinâmica das publicações periódicas, conforme demonstrou Fábio d'Almeida Lima Maciel em sua tese<sup>21</sup>. O artista já havia publicado no *Correio Mercantil* as séries *Considerações filosóficas sobre as belas artes entre os antigos* (1864) e as *Cartas de um plebeu aos Srs. Deputados* (1865). Américo ainda teve publicados na imprensa alguns de seus discursos proferidos na Academia Imperial enquanto professor da instituição. Quando se tornou professor de história da arte, assumindo uma cátedra teórica, discursou em algumas ocasiões solenes na instituição, como no *Discurso academico proferido em presença de sua magestade o Imperador no dia 22 de março de 1870 por ocasião da abertura do curso de Esthetica professado pela primeira vez no Brazil por Pedro Americo de Figueiredo e Mello*<sup>22</sup> e na distribuição dos prêmios da Exposição Geral de 1884<sup>23</sup>. A prática dos discursos acadêmicos, realizada pelos diretores da instituição<sup>24</sup>, passava a ser desempenhada também pelo professor e doutor Pedro Américo.

As *Cartas de um Pintor*, apresentadas e reunidas com o intuito de disponibilizá-las publicamente, foram transcritas a partir dos exemplares da Biblioteca Nacional, disponíveis em formato eletrônico por meio da Hemeroteca Digital, ferramenta fundamental aos pesquisadores. Durante a transcrição, preservamos a grafia do texto, mantendo eventuais desvios ortográficos ou tipográficos originalmente

<sup>21</sup> Em sua tese de doutorado, Fabio d'Almeida Lima Maciel realizou uma listagem dos escritos de Pedro Américo em ordem cronológica. A referência do conjunto completo de suas publicações no *Correio Mercantil* pode ser encontrada ali, assim como outras publicações de Pedro Américo. Cf. MACIEL, op. cit, p. 498-500.

<sup>22</sup> O discurso foi publicado em duas partes no periódico *A Reforma: órgão democrático*. Cf. A REFORMA: órgão democrático, n. 132, 14 jun. 1870, p. 2-3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226440/1278>. Acesso em: 02 mar. 2021; A REFORMA: órgão democrático, n. 133, 15 jun. 1870, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226440/1282>. Acesso em: 02 mar. 2021. Posteriormente, foi republicado com o título ligeiramente modificado. Cf. AMÉRICO, Pedro. Discurso proferido na Academia Imperial das Bellas Artes em presença de S. M. o Imperador no dia 22 de Março de 1870 por ocasião da abertura do Curso d'Esthetica, Historia das Artes e Archeologia pela primeira vez professado no Brasil. **Alguns discursos do Dr. Pedro Américo de Figueiredo**. Florença: Imprensa de l'Arte della Stampa, 1888, p. 13-43. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5250>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>23</sup> Esse discurso foi proferido em 28 de março de 1885. Cf. BELLAS ARTES. Academia Imperial das Bellas-Artes. Discurso do Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello na solemnidade da distribuição de premios. **Jornal do Commercio**, RJ, n. 99A, 9 abr. 1885, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_07/12631](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/12631). Acesso em: 02 mar. 2021. Pedro Américo também discursou na distribuição dos prêmios das exposições gerais de 1870 e 1872, mas nós não encontramos suas falas publicadas em periódicos. O discurso proferido em 26 de setembro de 1870 foi impresso em folhetos por ordem da Academia, conforme noticiam alguns periódicos. Cf. NOTICIARIO. Distribuição dos premios aos expositores de Março deste anno. **Diario do Rio de Janeiro**, RJ, n. 303, 2 nov. 1870, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/26529](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/26529). Acesso em: 02 mar. 2021. Seus discursos nas premiações foram compilados e publicados. Cf. AMÉRICO, Pedro. **Alguns discursos do Dr. Pedro Américo de Figueiredo**. Florença: Imprensa de l'Arte della Stampa, 1888. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5250>. Acesso em: 02 mar. 2021.

<sup>24</sup> Sobre a prática, instituída pelo diretor Félix-Émile Taunay durante a sua gestão enquanto diretor, Cf. DIAS, Elaine. Félix-Émile Taunay e a prática do discurso acadêmico no Brasil (1834-1851). **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 9, jan.-jun. 2008. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15420/10253>. Acesso em: 02 mar. 2021.

veiculados pelo material. Dentre os exemplares, duas edições<sup>25</sup> apresentam problemas físicos que impedem a leitura de pequenos trechos, os quais foram indicados entre colchetes como “trecho ilegível”. Quando foi possível inferir o conteúdo do excerto danificado, as complementações foram indicadas entre colchetes e seguidas de um ponto de interrogação. Na tentativa de reconstituir a integralidade dos textos, procuramos exemplares da *Gazeta de Notícias* disponíveis em outros arquivos e bibliotecas, como no Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (AEL – UNICAMP) e no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa “Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa” da Universidade Estadual Paulista (CEDAP – UNESP/Assis). Para as edições procuradas, os exemplares disponíveis nessas instituições são cópias daqueles pertencentes à Biblioteca Nacional, impossibilitando que o conteúdo dessas duas edições fosse reconstituído integralmente.

A seguir, antes das transcrições, apresentamos de maneira sistematizada alguns dados importantes das *Cartas de um Pintor*. Espera-se, com isso, facilitar a apreensão geral dos temas discutidos pelo artista brasileiro na série de correspondências. As informações apresentadas, como o local e a data da assinatura, a data de publicação e o cabeçalho com os assuntos tratados no texto, foram compiladas a partir de cada uma das edições em que as cartas foram veiculadas.

### **Primeira carta**

Assinada em Florença, 4 de julho de 1884. Publicada em 23 de agosto de 1884. A Italia moderna. – Restauração do genio nacional. – A arte italiana. – Protecção do governo, do rei e dos papas. – Artistas contemporaneos. – Realistas e impressionistas.

### **Segunda carta**

Assinada em Florença, 16 de julho de 1884. Publicada em 28 de agosto de 1884. Indiferença dos artistas italianos perante os grandes acontecimentos politicos. – Causas d’este phenomeno. – Roma e o orgulho nacional italiano. – Ciume contra a França. – Sentimentos hostis a respeito dos padres. – O exercito e a disciplina.

### **Terceira carta**

Assinada em Turim, 24 de julho de 1884. Publicada em 16 de setembro de 1884. Frequencia das exposições italianas. – Os napolitanos e em geral os habitantes do sul da Peninsula. – Os piemontezes e sua modestia perante os meridionaes, que elles consideram como os representantes da arte italiana.

---

<sup>25</sup> Edições n. 241, de 28 de agosto de 1884, e n. 260, de 16 de setembro de 1884.

#### **Quarta carta**

Assinada em Asti, 5 de agosto de 1884. Publicada em 10 de outubro de 1884. Semelhança moral entre as diversas populações italianas e os brasileiros. – Espirito de ordem e de disciplina. – Moralidade publica. – Sentimento geral de humanidade para com os animaes. – Asseio ou sordidez segundo as latitudes. – Impepopularidade da emigração para o Brazil tanto na Italia como na Allemanha.

#### **Quinta carta**

Assinada em Paris, 18 de agosto de 1884. Publicada em 2 de novembro de 1884. Procedimento exemplar dos medicos italianos. – Tribunaes inferiores. – Caracter da eloquencia parlamentar. – Escriutores, dramaturgos e artistas. – Necessidade de protegermos a arte brasileira. – O que acontece na Italia com as sommas destinadas para os trabalhos artisticos de significação patriotica.

#### **Sexta carta**

Assinada no Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1884. Publicada em 26 de novembro de 1884. Impressões pessoaes de um pobre artista entre Turim e Lyão. – Saudade da Italia. – Vôos da imaginação entre um e outro extremos da peninsula. – As duas patrias do homem de gosto.

#### **Sétima carta**

Assinada no Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1885. Publicada em 17 de janeiro de 1885. Vôos da imaginação. – Saudades da minha patria. – Loucas aspirações de um pobre pintor. – Dupla physionomia e dupla alma de Roma. – Esta cidade continuará a ser a capital politica da Italia.

#### **Oitava carta**

Assinada no Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1885. Publicada em 18 de fevereiro de 1885. Os campos romanos. – Os sublimes aleijões. – Quando se entra no Vaticano e quando d'elle se sahe. – Os estrangeiros na cidade Eterna. – Questão de interesse universal ácerca do Vaticano.

Gazeta de Noticias – Sábado, 23 de Agosto de 1884, n. 236, p. 1-2<sup>26</sup>.

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**A Italia moderna. – Restauração do genio nacional. – A arte italiana. – Protecção do governo, do rei e dos papas. – Artistas contemporaneos. – Realistas e impressionistas.**

A Italia goza em toda a Europa, em toda a parte do mundo em que haja cultura intellectual, da fama do paiz da arte, da poesia e do ideal. Mas a esse conceito universal, justo brazão de uma nobreza de muitos seculos, ajuntam os povos intelligentes e instruidos a convicção de que só de recordações vive presentemente a classica peninsula.

Isto é verdade até certo ponto, mas d'ahi por diante um crassissimo erro.

Não ha duvida que nenhum titulo maior do que as gloriosas tradições do renascimento, e mesmo da antiguidade etrusca, romana e grega, possui esta privilegiada região aos olhos dos estrangeiros estudiosos; porém, concluir d'ahi que o encantado cothurno não passa de um tumulo com uma multidão de sombras aureoladas a voltearem-lhe em torno, é uma violencia feita aos factos, e uma offensa á verdade manifesta e patente. Com effeito, desde a alta industria, a industria fabril animada do espirito emprehendedor dos turinenses e milanezes, até a producção de obras delicadas da arte florentina, e o extraordinario capricho do gosto italiano, tudo atesta a inexaurivel fecundidade e a perpetua juventude d'este povo, mais que qualquer outro intellectualmente perfeito.

Muitas razões, principalmente, obscurecem-lhe as grandes e incontestaveis qualidades no conceito de quem os considera englobadamente, e vem a ser a multiplicidade dos caracteres das diversas provincias da Italia, a juventude d'esta como nação unida, e a flagrante inferioridade dos habitantes da Sicilia, e em geral de toda a região que vai de Napoles á ponta meridional d'aquella grande ilha; inferioridade tal, falta tão evidente de civilisação e policia, que, devéras, constitue a vergonha d'este paiz e a continua macula que todos os seus inimigos indigitam para destruir o effeito das enthusiasticas apologias que lhe tecem os seus innumerados admiradores.

O salte[a]dor explica-se ordinariamente pela falta de policia no sul do reino; porém, outras causas o produzem e animam, e estas são as mesmas que entre nós explicam a existencia do capoeira no meio do povo o mais mansueto do mundo. É um anachronismo monstruoso, a que recorrem os politicos sem

---

<sup>26</sup> FIGUEIREDO, Pedro Américo de. Cartas de um Pintor. *Gazeta de Noticias*, RJ, n. 236, 23 ago. 1884, p. 1-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_02/7412](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/7412). Acesso em: 02 mar. 2021.

consciencia para atterrar e dominar; e um premeditado delicto que a sociedade devera castigar ao mesmo titulo que castiga o mandatario dos assassinatos ordinarios.

Fóra d'isto, afóra esse terrivel senão, que auctorisa amargas ironias contra o florente reino, nada se póde citar em abono de uma opinião desfavoravel a respeito do paiz, que sem quasi despejar os cofres publicos e o sangue dos seus filhos, soube acabar com as nacionalidades perturbadoras do progresso geral, reconstituir-se, e subir em menos de vinte annos á altura de uma grande nação européa.

Para avaliar o progresso italiano bastará considerar o movimento financeiro, barometro infallivel das oscillações do credito, e por consequencia do bem ou do mal estar de um povo; bastará considerar que ha sete annos eram necessarias 28 liras, ou francos italianos, em papel, para comprar-se uma libra esterlina, e que agora, depois da habilissima conversão da moeda-papel em ouro, as libras inglezas são cotadas ao par.

Não é porém, n'esse genero de considerações que se deve entrar para julgar os hodiernos italianos; é na contemplação das obras da intelligencia, producto directo do pensamento nacional e emanação mais ou menos pura do espirito caracteristico das diversas raças. É nas obras da litteratura, nos trabalhos scientificos e principalmente nas obras da arte, que devemos buscar as provas de que, longe de ser um paiz de mortos, como a chamou de Lamartine, a Italia é, ao contrario, uma vastissima arena onde se succedem as grandes lutas caracteristicas da vida activa dos povos a quem a Providencia assignou um papel importante no desenvolvimento da civilisação e do progresso.

A arte é em toda a parte a expressão material do pensamento, a prova visivel e incontestavel de que um povo tem ou não tem idéas, sensibilidade e aspirações proprias.

O paiz onde não houver arte, ou pelo menos litteratura, não é uma verdadeira patria para os homens que vivem da intelligencia; é um simples *paiz*, sem pretensão a abrigar uma sociedade predestinada.

O governo italiano comprehende tão bem esta verdade, e teme tanto ver desmerecer a nação no conceito das que em torno d'ella a contemplam, que não cessa de animar os artistas, exhortando-os para que produzam e exponham os seus trabalhos de um a outro extremo da peninsula, recompensando-os moral e materialmente, como se fizera a generaes que voltassem victoriosos depois de grandes e gloriosas pugnas; e o rei, ao aproximarem-se as exposições annuaes, em que a nação se esforça para dar ao continente uma boa idéa de si propria, convida os artistas a provas extremas, que elle remunera largamente. Só para um monumento a seu pai, em Turim, concorreu Humberto I com a somma de um milhão de francos; e de certo não subscreverá menos para a grandiosa memoria que se vai elevar com igual fim em Roma.

Em cada exposição que figuram trabalhos dignos de louvor, gasta cerca de meio milhão em aquisições de quadros e estatuas. E não é o que se poderia chamar um rei artista; é simplesmente um príncipe da casa de Saboia, casa sempre caracterizada por uma grande simplicidade e por um quasi exclusivo espirito militar.

O rei Victor Manuel ainda era mais liberal. Uma vez, em Florença, visitando uma exposição de obras de mosaico, encontrou uma estupenda mesa feita por um moço relativamente pobre, que consumira cerca de dous annos na fabricação d'aquella admiravel peça. Mandou chamal-o, perguntou-lhe quanto valia o trabalho, e deu-lhe o sextuplo do que o artifice lhe pediu, isto é, 150 mil francos!

Pio IX não lhe cedia o passo no que respeita a munificencia em taes casos. No palacio em que habitava, conjuncto de maravilhas como não existe segundo na Europa, illustraram-se diversos artistas, que apesar de não terem o genio do Sanzio, não deixaram por isso de imprimir nos muros do Vaticano o cunho de um grande talento, que enche de pasmo a quem visita desprevenido a esplendida regia. Muitos d'elles, nossos contemporaneos, alli ensai[a]ram os seus primeiros vôos, cresceram até se medirem com os maiores do seu tempo, fizeram boas fortunas e foram elevados a grandes dignidades na côrte pontificia.

É que para os principes italianos a protecção que merecem as bellas arte não é cousa discutivel; é uma verdade axiomatica que todos devem comprehender instinctivamente, e contra a qual não se poderia invocar economias publicas, nem razões politicas de qualquer ordem por mais capciosas que fossem.

É por isso que o genio italiano, depois de parecer exausto com os grandes trabalhos do renascimento, e mesmo do longo e lento periodo de decadencia que vai da morte de Miguel Angelo á extincção das escolas bolonhesa e napolitana, renasceu em Napoles com Morelli e Micchetti, em Roma com Monteverde, em Florença com Vinea, em Genova com Barabino, em Milão com Hayez e Cremona, e finalmente em todo o resto da Italia com os multiplos reflexos do talento d'estes artistas, cuja importancia não é pequena na historia da arte contemporanea.

D'entre todos elles o mais notavel, para mim, é o Barabino, pintor genovez que filiou-se á actual escola florentina, bem que não o considerem assim os napolitanos, que fazem do Morelli uma entidade superior, e o chefe da escola modernissima italiana tomada em geral. Depois d'estes dois artistas, cujas composições são por vezes de uma grande originalidade, cita-se como espirito moderno e ousado o Micchetti, pintor cheio de phantasia e amigo de todas as aberrações do gosto que passam por expressões da arte contemporanea.

O Vinea, joven e espirituoso florentino, que apegou-se ás scenas do XVII seculo, quer sejam cavalleirescas como o rapto de uma dama em viagem, quer vulgares como um soldado a virar garrafas de vinho em companhia da vivandeira do regimento, o Vinea, dizemos, é um pintor talhado para as pequenas telas e uma organização essencialmente adaptavel ás exigencias da arte commercial moderna. Suas composições, em geral, pouco menos microscopicas que as do velho Meissonnier, são bem comprehendidas, de um desenho correctissimo, cheias de espirito e só inferiores ás dos antigos pintores flamengos do mesmo genero, no que respeita ao colorido, que nas pequenas télas do Vinea é dominado pela nota cinzenta, ultima expressão esthetica da luz conforme a vêem os artistas actuaes d'este paiz, onde, entretanto, o céu é azul, o sol brilhante e a atmosphaera transparente e dourada como em parte nenhuma da Europa e muito menos na Hollanda.

Esta particularidade do clima italiano que tem sido celebrada por todos os viajantes desde que a Italia começou a ser visitada pelos estrangeiros intelligentes, não impressiona os pintores nacionaes, esses perspicazes observadores, que tudo vêem, menos o que é bello e essencial como os grandes espectaculos naturaes ou sociaes do paiz em que nasceram. A respeito da luz elles só percebem os raios cinzentos, isto é, os raios reflectidos das paredes pintadas d'esta côr, de que se compõem os *studios*, ou officinas, em que assentam e copiam o modelo.

Tambem não os impressionam os formosos typos que se encontram em toda a peninsula, e que attestam a intelligencia, a vivacidade e as nobres origens da raça contemporanea. Apesar de se chamarem *impressionistas*, obstinam-se a vêr por toda a parte, e systematicamente, physionomias vulgares, caras horrendas e patibulares, pés enormes e corpos sem proporção nem semelhança com os typos geraes da humanidade. Para elles ahi é que está o bello e a fonte principal da inspiração do artista. Toda a tentativa para restaurar o culto da fôrma e manter as antigas delicadezas do gosto, afigura-se-lhes um attentado contra a grande republica da mediocridade, do materialismo erigido em juiz supremo dos factos sociaes e dos phenomenos da historia e da arte.

Ora, é claro que, considerada d'este modo, a arte torna-se muito mais facil do que para aquelle que anda á pesquisa de typos ideaes, e que, longe de se contentar com a humanidade tal qual ella se nos apresenta, procura corrigil-a nas proprias concepções artisticas, enobrecendo-a de continuo, para poder apresental-a como modelo ás gerações vindouras, ou como objecto de deleitosa contemplação aos homens sensiveis e intelligentes.

Um quadro, por exemplo, em que haja figuras desproporcionadas, cabeças sem desenho e corpos ou extremidades disformes, onde, ao lado de um individuo obeso e gigantesco figure outro rachitico e anão, onde a expressão do riso seja dubia e a colera se exhiba por caretas, onde, finalmente, nenhuma

regra de bom gesto domine as linhas principais e nenhum conhecimento das leis estheticas presida aos meios de expressão de que poderia dispor quem o pintou, uma tela n'estas condições, dize[m]os, não [final p. 1, início p. 2] passará por um trabalho de um mau desenhador e de um artista sem estudos nem talento, porém por uma fiel reprodução da natureza, em que todas essas desproporções e disparates se encontram quotidianamente, sem que haja regra nem vontade humana que as possa fazer desaparecer.

É por isso, é porque chegou a vez de reinar a ignorancia revolucionaria, que essas aberrações foram erigidas em escola, e que os seus propugnadores, longe de se inclinarem perante os grandes mestres das épocas passadas, procuram negar-lhes o merito, sob o pretexto de realismo, de positivismo ou de naturalismo, como se não fosse muito mais *real, positivo e natural* desenhar e compor como Rubens ou Miguel Angelo.

Os italianos adoptaram a nova concepção da arte, porque corresponde a uma insurreição do espirito moderno contra as tyrannias do passado; porque lisongea-lhes o amor proprio de cidadãos que não admittem o regresso da patria aos tempos meio feudaes em que se manifestou a febre da unificação politica. Para elles não ha mais personagens biblicos, nem santos, nem varões dignos de veneração nos tempos que nos precederam; ha simples individuos sem nenhuma apparencia externa que os distinga do resto da humanidade. Christo, por exemplo, Moysés, David, não passam de uns arabes vulgares, que muitas vezes representam com traços e physionomias capazes de inculcar serios receios em quem assim os encontrasse a sós em logar despovoado.

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO.

Florença, 4 de julho de 1884.

Gazeta de Noticias – Quinta-feira, 28 de Agosto de 1884, n. 241, p. 1.<sup>27</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Indifferença dos artistas italianos perante os grandes acontecimentos politicos. – Causas d'este phenomeno. – Roma e o orgulho nacional italiano. – Ciume contra a França. – Sentimentos hostis a respeito dos padres. – O exercito e a disciplina.**

---

<sup>27</sup> FIGUEIREDO, Pedro Americo de. Cartas de um Pintor. **Gazeta de Noticias**, RJ, n. 241, 28 ago. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_02/7434](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/7434). Acesso em: 02 mar. 2021.

Os povos são como os individuos. O homem que se fia no proprio talento estuda pouco. É o que acontece aos artistas italianos, em geral dotados [de] maior sentimento que os francezes e allemães. A impressão pessoal basta-lhes e os grandes esforços lhes são estranhos. D'ahi procede a superficialidade com que encaram os phenomenos da natureza e os phenomenos sociaes de que se inspiram, e tambem a pobreza das concepções que lhes são familiares, concepções por vezes tão ridiculas, que desdizem do espirito dos seus auctores, em grande parte illustrados e dignos de representarem melhor papel no desenvolvimento da historia do seu paiz.

Longe de se commoverem, como Miguel Angelo, com os acontecimentos que em tão pouco tempo mudaram a face das cousas e decidiram da sorte da Italia, longe de se regosijarem com a emancipação politica da patria e com os phenomenos sociaes que de dia para dia vão consolidando a unificação e a grandeza italiana, conservam-se indifferentes á corrente que arrasta a nação para o progresso e continuam a buscar suas fontes de inspiração nas scenas da vida burgueza, nos episodios militares sem importancia, e até na vida claustal, hoje esquecida de todos, e cujas peripecias representam pelos seus lados mais comicos e ridiculos. Uma criança a cavallo na bengala do avô, um soldado a conversar com a criada do visinho, um frade a suar de canção, enquanto o jumento que lhe serve de montaria recusa-se a proseguir na ladeira que conduz ao convento, ou o mesmo a dormir embriagado entre as pipas e os *fiscos* da adega monacal, taes são os quadros que os pintores d'este paiz offerecem de ordinario á curiosidade estrangeira.

Os inglezes já estão tão aborrecidos de vêr os taes quadrinhos de monges com *fiscos* de vinho ás voltas que, quando encommendam alguma tela de genero aos pintores florentinos, impoem a estes a condição de não pintarem frades beberrões como assumpto principal.

Eis o estado a que chegou a arte do renascimento, a grande arte de Leonardo de Vinci, de Andréa del Sarto e de outros artistas, hoje desprezados, nas mãos dos realistas, impressionistas e mais representantes das diversas variedades do materialismo hodierno. Em vão clama contra tamanha depressão moral um ou outro artista de organização es[trecho ilegível] decadencia do gosto tem causas profundas e geraes, [que?] [trecho ilegível] [exemplo?] individual pode modificar, nem os esforços do governo supprimir de um para outro dia. Para modificá-las, ou as supprimir, fora necessario que as necessidades da sociedade tambem se modificassem, que o artista entrasse na organização da machina productora do equilibrio europeu, e servisse ainda que indirectamente, para desenvolver e manter as forças materiaes e moraes do paiz; e é esta a verdade que ainda não comprehenderam os homens politicos incumbidos de velar sobre a manutenção e o desenvolvimento da tradição artistica n'esta parte da Europa civilisada.

Roma jacta-se de interpretar mais do que Napoles ou Florença o sentimento da nação. Engana-se. A moderna capital do reino d'Italia é apenas um centro de attracção para onde concorrem os principaes artistas da peninsula nas occasiões solemnes. Falta-lhe a iniciativa de Napoles, o espirito da Toscana, a coragem de Milão e a confiança de Turim nas proprias forças. Ella ha de celebrar a sua *Exposição Universal* á custa da estranha seiva; quando, porém, esta negar-se á contínua transfusão de que se alimenta a velha cidade, Roma voltará no seu antigo estado de uma esplendida ruina habitada por homens orgulhosos e indolentes.

O orgulho, entretanto, não é sentimento privado dos romanos: todos habitantes do reino o exhibem admiravelmente; o de Roma, a titulo de cidadão da capital do orbe catholico e descendente dos antigos dominadores do mundo; o da Toscana, como filho da região que maiores homens produziu entre as mais fecundas da Europa; o de Turim, por ser compatriota do estadista e do rei que souberam aproveitar o ensejo para libertar a Italia do jugo estrangeiro; o de Milão, como representante da actividade industrial e artistica; o de Napoles, como desfructador do paiz o mais bello e do clima o mais agradável do mundo; o da Sicilia, finalmente, pela posição especial da terra que lhe foi berço e pela tradição dos tempos em que era de lá que partiam os bardos e menestreis que, espalhando-se pelas côrtes feudaes da peninsula, deram aos habitantes d'esta as primeiras idéas da arte e da litteratura italiana.

Deveremos acrescentar que a multidão de estrangeiros de continuo extasiada perante os monumentos da arte do renascimento e das antigas ruinas da época romana, e a affirmacção constante d'elles de que não ha paiz mais formoso que Napoles ou Como, galerias mais ricas que a do Vaticano ou do Pitti, cidade mais interessante que Roma ou Veneza, radicam-lhe cada vez mais no espirito a convicção de que, sahindo-se da Italia, nada mais se encontra que mereça a attenção do homem de gosto. N'isto se parecem os actuaes italianos com os nossos mais singelos matutos, os quaes, vendo os naturalistas estrangeiros á caça das borboletas, persuadem-se de que estão fazendo provisões para de futuro não passarem fome nos seus respectivos paizes.

Grandes pelas tradições da arte e da litteratura, não admittem presupostos offensivos á dignidade nacional, como por exemplo a superioridade da França ou da Allemanha consideradas como potencias militares ou como representantes de uma civilisacção mais completa. Reconhecem, entretanto, a certos respeito, que lhes são inferiores, mas attribuem essa inferioridade á perda de duas provincias em favor da França e á impossibilidade de assimilarem-se Trieste e a região circumvisinha. Attribuem-na ainda mais á presença do chefe do catholicismo na capital da Italia, que consideram contaminada do espirito reaccionario, que de um momento para outro poderá invadir todas as classes.

Um ciúme exagerado das grandes nações que a rodeiam e uma irritação constante contra os padres, eis a característica da Italia presente e os sentimentos que a levam a commetter continuas injustiças na apreciação dos factos, não diremos sómente politicos, mas ainda de outros generos. Houve uma época em que era moda insultar a França, a qual, entretanto, desfazia-se em protestos de uma amizade diariamente attestada por actos altamente significativos. No mesmo momento, por exemplo, que a commissão promotora de uma colossal memoria em Roma ao rei Victor Manuel negava o premio de cem mil francos, a que tinha direito um pensionista da escola franceza na velha capital, e com subterfugios que a imprensa tornou ruidosos adia a conclusão de um incidente que irritava a consciencia publica, o presidente da republica franceza condecorava os officiaes italianos que tinham assistido nos Vosges ás manobras militares e offerecia banquetes ao Verdi e a outros artistas italianos de muito merecimento.

Factos desta natureza repetiram-se durante mais de um anno, sem que o povo francez se commovesse, e ainda continuariam a reproduzir-se com a mesma insistencia, se a repugnancia dos prussianos e austriacos em acceitar as interessadas homenagens politicas dos italianos não estivessem quotidianamente provando a estes ultimos a leviandade em que incorriam, alienando de si as sympathias da nação sem a qual nunca, talvez, o seu anhelar pela emancipação politica da patria teria passado de um platonico desejo.

Desacorçoada depois das humilhadoras tentativas de alliança com a Austria e a Prussia, é contra o papa que se volve exclusivamente a opinião publica, principalmente desde que o principe imperial da Allemanha, com um acto de profunda deferencia ao virtuoso chefe do catholicismo, quiz provar solemnemente, em quanto hospede do rei Humberto, que sua patria, de que elle era então o verdadeiro representante em Roma, não podia prescindir, apesar de mais protestante que catholica, do apoio moral do Summo Pontifice.

É verdade que a linguagem dos orgãos [trecho ilegível] [modificada?] [ulti-?]mamente, adquirindo por vezes as apparencias de uma benignidade inverosimil; porém o sentimento que a dicta trahe-se frequentemente em invectivas difficeis de disfarçar com essa moderação puramente litteraria. A intenção é sempre violenta e radical, como o são as composições com que os pintores e os esculptores italianos costumam, nas grandes exposições artisticas que se celebram annualmente nos pontos principaes da peninsula, expôr á curiosidade da multidão os episodios mais turvos da historia do papado, isto é, da instituição a que attribuem os amigos da actual dymnasti[a] reinante todos os males que affligem [a] Italia, moralmente considerada.

A necessidade de resistir a uma invasão eventual e ao mesmo tempo de suffocar com a força o inimigo que o ameaça internamente, concentra no exercito e na marinha os esforços, as esperanças e as sympathias geraes. O uniforme militar eis o objecto sagrado para o actual governo, e o idolo de quantos vivem assombrados pelo phantasma do contagio republicano, e pelas imaginarias conspirações do Vaticano. Quem entra n'este paiz não pode deixar de notar a formosura dos officiaes do exercito e o incrível aceio do soldado, cujo aspecto rivalisa com o dos mais disciplinados da Allemanha. Não se vê uma farda velha, um signal de desconchavo, um vislumbre de indisciplina. Os castigos os mais severos são comminados contra aquelle que ousar infringir mesmo levemente as regras militares; e é necessario uma causa muito poderosa para levar o soldado a um acto contrario ao decoro patriotico. Os tres ou quattros factos de insubordinação que commoveram ultimamente a Italia inteira explicam-se pelas seducções do espirito, quer reaccionario, quer republicano, que circula de vez em quando entre as grandes corporações da peninsula, a não ser o facto do calabrez em Napoles, cujas causas occasionaes foram as repetidas imprudencias dos camaradas.

O militar em terra e os grandes couraçados no mar, eis as pedras angulares do actual edificio politico. Pelo menos assim os consideram os italianos, para os quaes não ha somno tranquillo diante da imagem da republica e da reacção.

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO.

Florença, 16 de julho de 1884.

Gazeta de Noticias – Terça-feira, 16 de Setembro de 1884, n. 260, p. 1.<sup>28</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Frequencia das exposições italianas. – Os napolitanos e em geral os habitantes do sul da Peninsula. – Os piemontezes e sua modestia perante os meridionaes, que elles consideram como os representantes da arte italiana.**

A anciedade dos italianos para sahirem da inferioridade relativa perante as grandes nações limitrophes da Peninsula, manifesta-se principalmente nas exposições artisticas e industriaes, que se succedem de um a outro extremo do reino, com uma celeridade espantosa. Ainda não está encerrada uma

---

<sup>28</sup> FIGUEIREDO, Pedro Americo de. Cartas de um Pintor. **Gazeta de Noticias**, RJ, n. 260, 16 set. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/7524](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/7524). Acesso: 02 mar. 2021.

grande exposição, que já outra se organiza em ponto diverso, e lisonjeia o amor proprio da nação, fecundado pelas rivalidades das diversas provincias, entre as quaes ainda reina certa hostilidade, apesar do patriotismo que as une nas occasiões difficeis e solemnes.

Turim, Roma, Napoles e Milão de continuo promovem e realisam d'essas esplendidas festas da intelligencia, cujo effeito moral é sempre grande e salutar, não só para os italianos como para os mais povos que a ella concorrem, quer com suas producções especiaes, quer com a observação e o estudo.

Devidas a iniciativa municipal, [ellas?] affirmam eloquentemente a vitalidade do paiz e o amor ao progresso, quasi geral na Peninsula. Só o Siciliano e o Sardo resistem á tentação de exhibir, em exposições proprias, os productos de sua industria ou do solo patrio á consideração nacional e estrangeira; tambem porque nas duas grandes ilhas italianas o calor tolhe ao homem a energia das populações do norte. Deveremos accrescentar que quasi nenhuma industria existe em toda a região que fica ao sul de Napoles, cidade formosissima e situada sobre o terreno o mais fertil, talvez, que ha na Europa, porém habitada por uma gente que quando não está a dansar ou a cantar, com toda a certeza está dormindo.

Entretanto Napoles tem celebrado ultimamente diversas exposições grandiosas, em que a arte napolitana se tem mostrado digna emula da actual arte franceza, e se as grandes industrias nunca foram n'ellas representadas largamente, ao menos o foram as que se inspiram directamente das artes do desenho. Nada ha mais delicado, mais bem delineado do que os coraes de Santa Luzia, as lavas de Resina, e os vasos e as estatuasinhas de forma e gosto antigo que se encontram em mil pontos d'aquella grande cidade. Todos conhecem as massas napolitanas, inimitavel alimento de que vive quasi toda a população, que o tempera com o succo das *fructas do mar*, isto é de uma infinidade de molluscos polposos que habitam nas costas do golfo e nos rochedos das ilhas circumvisinhas. Essas massas e esses molluscos são vendidos nas praças publicas por um preço tão infimo, que não ha bolsa a que não seja accessivel.

Acostumado a comer e a dormir, o napolitano é naturalmente feliz, e por conseguinte preguiçoso e alegre, sem que por isso lhe falte a energia virtual para o trabalho. Falta-lhe apenas o habito d'este, porque as grandes necessidades lhe são desconhecidas; porém, se estas pesam-lhe, ainda que seja excepcionalmente, ninguem mais do que esse ruidoso cantador e apregoador dá exemplo de uma prodigiosa actividade.

Nunca me hei de esquecer que um dos mais vastos e rasos campos de Napoles foi reduzido a um esplendido passeio ajardinado, com arvores e arbustos das formosas especies meridionaes, apenas no espaço de quinze dias!

Acerca da indole do povo, os viajantes em geral não concordam com a opinião de alguns escriptores illustres, como por exemplo, Michelet e Castellar, que consideram a plebe napolitana como a

mais morigerada do mundo. É inútil dizer que para os europeus, sejam ou não instruídos, o modelo do *mundo* é a parte do globo na qual nasceram. A minha impressão não é boa, e nem pôde sel-o quando, todas as vezes que desembarco em Napoles, não me bastam as mãos e os olhos para guardar as vestes e os *saccos* de viagem contra a avidez dos *larapios* que circulam impunemente. É-me indiferente a sua nobre origem grega, o seu *innato* sentimento da melodia e da *fórma*; a doçura *virtual* do seu caracter, desde que vejo essa plebe dar exemplos taes de moral degradação.

É verdade que o baixo povo de Londres não lhe é superior, e que, afóra a falsa idéa que tem o napolitano da alheia propriedade, idéa que a leva ás vezes a *commetter delictos* em pleno dia, ainda se me afigura muito superior ao *berlinez*, sempre disposto ás *aggressões criminosas*. Se entre nós o napolitano passa por um ente que leva de continuo a *oscillar* entre o *macarrão* e o *realejo*, é porque as populações do sul da Península, em geral *atrazadas* em civilização, que diariamente *emigram* para a nossa terra pelas *affinidades* da raça e do clima, dão-se em toda a parte por napolitanos, quando muitissimos d'esses colonos de pouca actividade e pouca consciencia nem sabem para que parte do globo demora Napoles.

Seja porém como fôr, o que é verdade é que a civilização moderna tem custado a penetrar em toda a região que se estende entre aquella formosissima cidade e os *reconcavos* de Taranto. E, exceptuando a *bella* e grande Palermo, quasi desconhecida aos habitantes do continente, poderíamos dizer o mesmo da Sicilia, onde o ardor do sangue e a raridade da população explicam até certo ponto as resistencias que encontra o governo na sua incessante obra de *aperfeiçoamento social*.

A meu ver, não é ahi que devemos buscar os braços que nos vão falhando, porém no centro e no norte d'este paiz, isto é, na Toscana, na Liguria, no Piemonte e na Lombardia. Podemos comparar a Italia a uma zona de terra comprehendida entre dois meridianos que atravessem a França e a Hespanha desde Perigueux até a Murcia. Ao norte encontram-se homens activos e despertos, praticos e prompts para o trabalho ao sul, temperamentos apaixonados, intelligencias inspiradas, caracteres violentos, e costumes gerados pela indolencia, filha primogenita dos climas torridos e ferteis. O numero dos officiaes superiores do exercito italiano é muito maior no Piemonte do que em todas as outras provincias do reino, ou, por outra, aquella região tem fornecido militares mais dignos da confiança do governo e do respeito do exercito. Homens fortes e disciplinados, soldados que não conhecem o *ciume conjugal* e a *flacidez* dos temperamentos amorosos, taes são os *compatriotas* do conde de Cavour, nas mãos dos quaes está hoje a ordem do exercito, e, por conseguinte, a independencia do Estado.

Em vez, porem, de se mostrarem por isso orgulhosos e arrogantes entre os mais provincianos, manifestam por toda a parte uma grande modestia, que lisonjeia o amor proprio dos meridionaes, a

quem consideram herdeiros da gloria dos poetas, dos artistas e em geral dos illustres pensadores que, creando uma grande patria intellectual, tornaram necessaria e possivel uma grande patria politica. Giotto, Miguel Angelo, Raphael, os Carraches e outros notaveis reformadores do gosto nacional durante os quatro seculos que nos precederam eram relativamente meridionaes, do mesmo modo que Galileu, Palestrina, Guido Aretino, Dante e Machiavello. Ainda hoje os principaes artistas italianos, a não serem os musicos, que escolheram Milão para perpetuo convento e moradia, residem no centro da Italia, o que dá a essa região uma especie de privilegio moral sobre todas as outras. A Ristori mora em Roma, o Verdi quasi sempre em Genova, o Rossi e o Salvini na <<gentil>> Florença, como a chamava Dante, e como ainda a appellidam os estrangeiros. Apenas um ou outro desertor d'esse centro, seduzido pela beleza do lado de Como, do golfo de Napoles ou das margens do mar Ligurico.

Onde quer que habitem, porém, são considerados quaes os representantes do pensamento esthetico, progenitor das maravilhas da arte e da anthese intellectual e moral que se chamou o Renascimento. Mais do que isto: são os bemfeitores da patria, a qual sem a gloria do nome d'elles, e sem os magnificos monumentos sahidos do seu engenho, nunca passaria, talvez, de uma grande peça de retalhos, destinada a pertencer a muitos despotas poderosos, e cegos diante de uma simples expressão geographica.

Tudo tem a sua razão de ser. No paiz em que o artista não tem significação, alem do que [lhe da o martyrio da inspira?]ção e do talento ninguem o considera. Poderá fazer prodigios de intelligencia, dar insignes exemplos de abnegação, de coragem e de patriotismo: nunca passará de um importuno cantador de indecifreveis rapsodias, ao qual a sociedade só atirá uma esmola para que se cale ou passe a outra porta. Pelo contrario, entre os povos que lhe devem o passado, e que esperam d'elle novas glorias e novos beneficios, todos o consideram, o amam, e quando o encontram nos logares publicos folgam de lhes poderem manifestar a admiração e o respeito de que são credores o talento e a sabedoria.

É o que acontece em Florença e em todas as cidades illustradas italianas, com o Rossi, com o Salvini, com a Virginia Marini, com o Giovanni Emmanuel, e em geral com qualquer artista cujo nome, ainda inferior aos dos verdadeiros creadores, se recommenda á attenção dos seus compatriotas.

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO.

Turim, 24 de julho de 1884.

Gazeta de Noticias – Sexta-feira, 10 de Outubro de 1884, n. 284, p. 2.<sup>29</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Semelhança moral entre as diversas populações italianas e os brasileiros. – Espirito de ordem e de disciplina. – Moralidade publica. – Sentimento geral de humanidade para com os animaes. – Asseio ou sordidez segundo as latitudes. – Impepopularidade da emigração para o Brazil tanto na Italia como na Allemanha.**

Quem atravessa no sentido longitudinal a interessante península ausonica, não póde deixar de notar a grandissima variedade das regiões que a compõem e das populações que habitam n'ella e ao mesmo tempo as analogias que aproximam estas populações dos povos ibericos, cuja maneira de pensar e de sentir herdamos, bem que modificada pelo clima e pelas condições da existencia sul-americana. Com effeito, abstrahindo dos costumes locais e de alguns sentimentos peculiares ao milanez, em geral mais civilisado que o hespanhol, ou ao calabrez e ao siciliano, que lhes são inferiores, nenhum europeu, excepto aquelle de quem descendemos, offerece mais semelhança com os nossos compatriotas, e por consequencia nenhum outro nos parece tão proprio para colonisar o Brazil.

A idéa desfavoravel que fazemos do italiano é falsa. Não ha povo de melhor indole, de maior modestia, e de menores pretensões a respeito dos salarios que exige. Para o trabalho, é como o portuguez, e para o que se refere á intelligencia como francez, inglez e allemão. Os criminosos que d'aqui conseguiram emigrar durante a gestação politica de que resultou a unificação italiana, e que tem por ahi expandido suas más inclinações, não devem ser confundidos com os homens trabalhadores e pacificos, que formam a generalidade. Tambem não se deve confundir com esta a gente que sahe das incultas montanhas da Puglia, da Calabria e de outros pontos meridionaes do reino, nos quaes a civilização tem custado a penetrar, graças á esterilidade do solo e á raridade da população.

No exercito, reunião sob regras identicas de camponezes de todas as partes da península, é que se podem apreciar as inclinações d'este povo, para o qual não há bem superior á ordem e á economia. Durante oito annos que residimos na Italia nunca vimos um soldado embriagado, nem mesmo trajando de modo pouco decoroso, como, aliás, vimos na Baviera, e muitas vezes na capital da França.

Uma sentinella que, em Roma, distrahiu-se a ponto de pedir uma ponta de charuto a um transeunte, foi por isso severamente punida; e a imprensa do paiz ínteiro, commentando um facto que

---

<sup>29</sup> FIGUEIREDO, Pedro Americo de. Cartas de um Pintor. **Gazeta de Noticias**, RJ, n. 284, 10 out. 1884, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/7639](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/7639). Acesso em: 02 mar. 2021.

em muitos outros pontos da Europa passaria despercebido, qualificava-o de uma exceção vergonhosa para o exercito e indigna do decoro nacional.

Outro assumpto digno de nota é o que respeita á moralidade publica dos italianos. Em nenhuma cidade do continente a policia se occupa tanto quanto na parte central da Italia com esse importante objecto: e o resultado é tão evidente, que impressiona o estrangeiro que em Berlim, em Londres, em Vienna, e em quasi todas as capitaes do mundo observou os corruptores exemplos de dissolução moral, a que ninguem se pôde furtar absolutamente. Para dar uma idéa da austeridade dos costumes em Florença, Bolonha, Genova ou Arezzo por exemplo, a tal respeito, basta dizer que quando o rei Humberto visita qualquer d'essas cidades, nenhuma mulher de costumes faceis pôde sahir á rua.

A policia põe-nas assim na impossibilidade de comprometterem o decoro publico durante os dias em que os cidadãos, por assim dizer, exhibem á côrte os seus costumes, e dão provas dos seus sentimentos.

Não queremos dizer que não haja corrupção. Esta existe, sem duvida; porém, não afronta a familia que transita, não injuria a honestidade alheia, e não faz crer ao estrangeiro que elle é hospede de um povo sem dignidade.

Tambem não é pouco notavel a doçura do sentimento popular para com os animaes domesticos, aos quaes nunca infligem os italianos os barbaros castigos de que vemos tantos exemplos entre outros povos neo latinos. As sociedades protectoras d'esses irracionaes gozam da geral sympathia, e por vezes exercem uma influencia decisiva em questões policiaes e hygienicas de ordem muito elevada. Esse sentimento é tão geral, que qualquer injustiça praticada para com um cão, ou um cavallo, revolta a consciencia publica, e acarreta o castigo immediato de quem a praticou.

Semelhante delicadeza moral seria o melhor elogio do coração florentino, se a dureza d'este para com as crianças não estivesse provando a cada passo que o melindre é puramente accidental.

O mesmo diriamos do irreprehensivel asseio de muitas cidades italianas, em que o povo é quasi tão sordido como na Hespanha e em outros paizes meridionaes. Como se explica a contradição não sabemos; o que sabemos é que n'essas mesmas cidades de aspecto <<gentil e culto>>, como dizia Byron, referindo-se á patria de Parisina, em cujas ruas é quasi impossivel encontrar exemplo da menor immundicie, e cujo calçamento, ás vezes de marmore, convida o estrangeiro a assentar-se no chão para descansar, não é raro vêr pessoas pobres, é verdade, mas nem por isso miseraveis, entretidas na busca dos asquerosos insectos que lhes fervilham nos cabellos.

Para sermos justo, deveremos declarar que, de Florença ou Piza, até o extremo boreal da peninsula, o asseio publico e o privado nada deixam a desejar.

Quiz a natureza que os povos a quem deu mais raios de sol, mais inspiração espontanea, mais intelligencia, e um ambiente tepido e protector, fossem justamente os menos energicos nas reacções da intelligencia sob a acção dos agentes materiaes que lhes gastam a vida e corrompem o ar que respiram. A regra não é absoluta, porém, é tão geral nas regiões torridas e temperadas do globo, que assemelha-se a uma lei natural.

Assim, os inglezes, belgas, hollandezes e allemães são, geralmente, mais asseiados que os austriacos, suissos e francezes; estes mais que os hespanhões, sardos, napolitanos e turcos; estes mais que os sicilianos, gregos, algerinos e marroquinos; estes mais que os egypcios, tripolitanos e beduinos; estes, finalmente, mais que os nubianos, abyssinios, e os habitantes de toda a Africa que se estende até o rio Orange e a zona diamantina visinha ao Cabo de Boa Esperança.

E como nenhuma grande região escapa á generalidade d'essa especie de lei fatal, tambem não se podem furtar a ella os que d'este paiz emigram para o nosso, onde, na falta de melhor meio de ganhar o pão quotidiano, munem-se de um realejo, e vão de praça em praça a procura de quem se commova com as importunas e estropiadas melodias.

Ociosos, ou pouco asseiados, porém, não é menos verdade que esses homens representam uma grande intelligencia e uma grande capacidade de sentir, isto é, uma verdadeira riqueza para quem sabe aproveitá-los nos trabalhos sérios, a que com a maior facilidade se prestam. Accresce que são em geral robustos, formosos, menos pobres que os allemães, e incomparavelmente preferiveis aos de côr amarella e raça inferior, com que se vai substituindo progressivamente de diversos modos os braços que nos faltam.

É verdade que a emigração italiana para o Brazil tem-se tornado impopular n'este paiz pelos boatos que circulam e na imprensa echoam rumorosamente, a respeito da pretendida má sorte que é reservada entre nós ao colono estrangeiro; e ainda não ha muito foi um dos nossos mais intelligentes e habeis compatriotas expellido d'este reino, pelo simples factos de o terem denunciado ás auctoridades policiaes como desfarçado angariador de colonos para a nossa terra, a respeito da qual os doutos escriptores publicos d'este velho e doutissimo continente dizem de vez em quando os maiores despropositos.

Na Allemanha estes boatos circulam com tal insistencia, que as auctoridades, a quem o assumpto interessa, mandam affixar pelas estradas cartazes contendo a respeito do Imperio sul americano noticias desfavorabilissimas, a titulo de salutaes avisos aos que imaginam ir encontrar n'elle o que lhes falta na propria terra. E até, em alguns pontos, o zelo d'esses funcionarios publicos chega a ponto d'elles

ameaçarem com severas penas quem quer que ouse, não diremos agenciar colonos, mas simplesmente propagar a idéa da emigração para o Brazil.

Ignoro se o nosso publico tem ou não sido informado d'estes factos, contra os quaes fôra conveniente que reagissemos escl[a]recendo a opinião publica, nos paizes em que se estão reproduzindo, acerc[a] da verdadeira sorte do colono trabalhador em noss[a] terra, onde aliás o estrangeiro, principalmente se é europeu, sempre foi e ha de ser objecto das geraes sympathias.

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO.

Asti, 5 de agosto de 1884.

Gazeta de Noticias – Domingo, 2 de Novembro de 1884, n. 307, p. 1.<sup>30</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Procedimento exemplar dos medicos italianos. – Tribunaes inferiores. – Caracter da eloquencia parlamentar. – Escriptores, dramaturgos e artistas. – Necessidade de protegermos a arte brasileira. – O que acontece na Italia com as sommas destinadas para os trabalhos artisticos de significação patriotica.**

Sem pretender pintar a Italia como um paraizo terreal, não podemos, entretanto, deixar de ir dando a conhecer aos leitores da *Gazeta* tudo quanto n'este paiz merece a attenção dos homens illustrados e dos povos que prezam os bons exemplos.

Um dos objectos mais dignos de serem notados é, sem duvida, o procedimento dos medicos italianos para com os seus clientes. Esse procedimento é, em geral, tão conforme á caridade, ao desinteresse, e, digamol-o, ao decoro de uma classe que em quasi todos os paizes civilisados goza da mais sincera estima, que ninguem o poderá aquilatar sem um sentimento de espontanea admiração.

Antes de os conhecer, estavamos persuadidos de que só na nossa patria se encontravam typos tão exemplarmente grandes.

É que o medico italiano, e o florentino em particular, ainda não se deixou envolver na onda do materialismo comercial e grosseiro, que por todo o orbe vai endurecendo e corrompendo o coração do homem culto.

---

<sup>30</sup> FIGUEIREDO, Pedro Americo de. Cartas de um Pintor. **Gazeta de Noticias**, RJ, n. 307, 2 nov. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/7748](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/7748). Acesso em 02 mar. 2021.

Ainda não se mercantilizou, nem fechou sua alma aos ecos da consciencia. O doente não é para elle uma fonte de lucro de repente aberta diante dos seus passos, que é necessario explorar e exaurir sem nenhuma consideração inspiradas do espirito da universal fraternidade; mas um membro da familia humana a carecer dos alheios cuidados e das luzes da sciencia.

Nenhum pensamento de ganho perturba no seu espirito a idéa do dever e a consciencia da propria responsabilidade moral e scientifica. Feliz ou fatal o exito da cura, não cobra o que lhe é devido, não manda *conta*, e nunca lhe passou pelo pensamento a idéa de affligir com reclamações exorbitantes o escapo de uma desgraça material. Pague-se-lhe mal ou bem, a sua physionomia será sempre a mesma ao perpassar d'aquelles que a elle recorreram nas occasiões dolorosas.

Serão todos ricos – dir-nos-hão os que se maravilharem com estas proposições. Responderemos que não o são, geralmente, como não o é a população da Italia. A consciencia publica, porém, repugnaria tanto a soffrer o mercantilismo da sciencia nas mãos de um medico, quanto repugna á idéa de sacrificar este á má fé d'aquelle que se utilisou do trabalho alheio. Em outras palavras: o que é devido ao medico lhe é pago regularmente, sem que haja necessidade de envolver-se auctoridades estranhas á consciencia em questões obscuras, e inteiramente resolvidas, desde que o mundo é mundo.

Dissemos que a classe medica é <<considerada>> em *quasi* todos os paizes civilizados, porque não sabemos se a regra abraça a totalidade d'elles. Ha, por exemplo, logares na Hungria, na Russia, no Oriente, e mesmo na Italia, onde, quer pela pouca distincção dos homens que seguem as carreiras liberaes, o diplomado em medicina é tratado como um simples manual, inferior, por consequencia, ao magistrado, ao militar e ao padre, com os quaes é difficil entrar em competencia, desde que sae do estreito circulo da sua especialidade.

Não sabemos se os advogados italianos merecem as reflexões que fizemos a respeito da classe medica; porém das informações colhidas durante muitos annos, e de uma certa experiencia de factos collateraes á nossa vida de estrangeiro na peninsula, podemos suppor que não são indignos d'ellas.

Nos tribunaes inferiores reina o espirito de conciliação, todas as vezes que o admittem as circumstancias; e os magistrados se esforçam constantemente por afastar de todas as pendencias as hypotheses contrarias á equidade e á rapidez das soluções judicarias. A linguagem de que ahi se usa, é a familiar; e quando ha logar para alguma pagina de eloquencia, é esta antes moral que oratoria, não admittindo os italianos os artificios de rhetorica com que entre outros povos se costuma ataviar demasiadamente a verdade. Qualquer ensaio n'este sentido fôra considerado como uma tentativa para disfarçar os factos e embahir o auditorio.

É por isso que Depretis, Cairoli, Zanardelli, Peruzzi, e em geral os homens summos na politica, evitam no parlamento as grandes phrases e os torneios prolixos, preferindo buscar o estylo na simplicidade da exposição junto á grandeza das idéas. N'isto se distinguem vantajosamente dos oradores hespanhóes e portuguezes, para os quaes o pensamento não parece ter o seu maximo valor fóra do envolucro material com que o revestem no discurso.

Os escriptores notaveis, como De Amicis, Carducci, Montegazza e outros, seguem a mesma maneira de ver, a qual, na nossa opinião, é a mais conforme ao systema da natureza e á propagação das idéas elevadas entre o commum dos homens.

Afastam-se, por consequencia, do proceder dos artistas, de um lado, e dos dramaturgos, do outro; isto é, d'esses interpretes da natureza e do bello, para os quaes as fórmulas triviaes e as situações inspiradas do realismo são a ultima palavra da inspiração e do talento. Em um dos seus ultimos dramas, *Il povero Piero*, um dos mais illustrados escriptores italianos faz de um corcunda o seu protogonista, seguindo o exemplo de diversos artistas de merito, que têm procurado <<rehabilitar>> a feiura material, exhibindo em suas obras, quer as broncas physionomias dos camponeses os mais ridiculos que encontram, quer os bobos e truões das antigas côrtes feudaes.

O nosso Bernardelli tem sabido evitar o contagio d'esses máus exemplos. Discipulo dos romanos, mas nem por isso escravo da opinião que entre muitos d'elles reduz o papel da arte á subserviencia do realismo predominante, procura elevar-se pela pesquisa do bello, sem se afastar dos conselhos da observação. Não sómente na *Mulher adultera*, senão tambem em outras composições e *estudos* com que vai provando o seu incontestavel aproveitamento, torna-se digno da attenção publica.

Procurando adquirir os pequenos trabalhos, tanto d'este como de outros moços illustrados, que no Brazil e na Europa vão affirmando a existencia esthetica de sua patria, o publico brasileiro daria tão evidente prova de patriotismo e bom gosto, quanto o governo adquirindo as obras importantes dos nossos mais provecos artistas. A remuneração traria o desenvolvimento dos talentos, a esperança do operario, a multiplicação dos artefactos propagadores do gosto, a formação das escolas, e a demonstração esthetica e duradoura dos generosos sentimentos que agitam o coração brasileiro.

A Italia, que consideramos um paiz sem os grandes recursos naturaes do nosso, e que lucha com a resolução de mais um problema difficilimo, não perde ensejo para affirmar ao mundo inteiro a sua vitalidade moral por meio dos grandes trabalhos artisticos de significação patriotica. Desde as opulentas capitaes até as mais modestas povoações, reina a mesma aspiração á immortalidade artistica, e o mesmo desejo de perpetuar em obras duraveis os caracteres e os factos que as illustrem. Os monumentos a Carlos Alberto, Victor Manuel, Camillo de Cavour, Gino Capponi, Rattazi, e de outros fundadores ou

cimentadores da unificação italiana, já não têm numero na península; e alguns d'elles custaram ao Estado sommas que entre nós – pelo nobre destino que tiveram – pareceriam thesouros desperdiçados.

Passando pelas mãos dos illustrados artistas a quem a nação as confiou, essas sommas tomaram um corpo mais nobre, adquiriram uma significação que não lhes daria um emprego puramente material; e hão de representar pelo futuro outros tantos capitaes decuplados, sobre os quaes não pesará, de certo, a maldição de que sempre foram merecedoras as especulações egoisticas.

O que está acontecendo em todo o reino com as obras dos grandes artistas dos seculos passados – muitas das quaes, longe de attestarem o merito dos seus auctores, só podem pretender a uma significação historica – prova a veracidade do que acabamos de affirmar. Com effeito, consideradas pelos legisladores como uma fonte de lucro para o Estado, foram convertidas em riqueza viva, e hoje formam um verdadeiro manancial de inesperados reditos.

Em outras palavras: as immensas collecções de quadros e estatuas pertencentes ao Estado deixaram de ser expostas, como o eram pelo passado, gratuitamente; e a concorrência mediante uma razoavel esportula, continuando a provar em quanta conta tem o publico esses preciosos conjunctos de artefactos – em que por assim dizer se acham resumidas todas as phases da historia, não diremos sómente italiana, mas universal – demonstrou exuberantemente, que os antigos principes da península tinham razão em empregar grande parte dos thesouros publicos em obras de cujo valor os posteros pudessem julgar.

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO.

Pariz, 18 de Agosto de 1884.

Gazeta de Noticias – Quarta-feira, 26 de Novembro de 1884, n. 331, p. 1.<sup>31</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Impressões pessoaes de um pobre artista entre Turim e Lyão. – Saudade da Italia. – Vôos da imaginação entre um e outro extremos da península. – As duas patrias do homem de gosto.**

Até aqui, fallando em seu nome e em nome dos que têm lido estas *cartas*, o auctor d'ellas tomou a liberdade de se parecer com os escriptores de algum merito. De hoje em diante, pondo de parte a mania

---

<sup>31</sup> AMERICO, Pedro. Cartas de um Pintor. *Gazeta de Noticias*, RJ, n. 331, 26 nov. 1884, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/7869](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/7869). Acesso em: 02 mar. 2021.

de comprometter os leitores da *Gazeta* com lhes prestar opiniões que elles não esposam, e impressões que jámais experimentaram, passará a fallar simplesmente por si.

Eu, pois, operario sem talento nem brasão algum fóra do meu entusiasmo por tudo quanto é grande e formoso, confesso que me retirei da Italia com o coração confrangido por uma profunda saudade; e, pela sexta vez transpondo os Alpes para o lado da França meridional, parei na ultima estação da penedia oriental d'aquella serra, e puz-me a olhar para os campos italicos como quem se despede da propria patria.

É que aquelle paiz de luz e harmonia, do qual eu me despedia talvez para sempre, além de me recordar a benevolencia com que me honraram os seus habitantes, aquella nobre terra, que já nos fins da idade média começava a deslumbrar a Europa pelo esplendor dos encantos que encerra, é o complemento da instrucção do artista, a realização dos seus dourados sonhos de inalterada ventura, a albaneza fascinadora e robusta, que de continuo o attrahe com seus promettedores sorrisos.

As altas e eximias graças da Italia residem tanto na variedade de aspecto e de physionomia das antigas e magnificas capitaes da privilegiada peninsula, quanto nesse plano geral de belleza, nesse *crescendo* de maravilhas que vai dos Alpes ao Etna, maravilhas que, celebradas pelos historiadores, decantadas pelos poetas, e iriadas pela imaginação dos viajantes saudosos e entusiastas, constituem ha mais de quatro seculos o appetecido pomo dos que, fóra d'Italia, ardem de amor do bello.

Eu conheci este paiz na época em que ainda não estavam concluidas as grandes linhas ferreas, que atravessam ou cingem pela penedia maritima a serra dos Alpes, antes de penetrarem no encantado cothurno. Então, o viajante que ia de Lyão para Turim, era obrigado a passar lentamente, de carro ou a cavallo, por cima de montes altissimos e despenhadeiros terriveis, desde S. Miguel até Suza; mas aquillo que perdia em rapidez, ganhava em encanto, em ineffaveis sorprezas. Passada Suza, cessam as neves perpetuas, e encontra-se um primeiro repouso cheio de gratas commoções na graciosa magestade da planicie lombarda, verdadeira corbelha de verdura, flôres e fructos, como não os ha mais viçosos.

Passada a Lombardia, com seus lagos profundos e sua graciosa cathedral, colosso que domina toda a vasta planura, ouve-se o rumorejar do Adriatico, e avista-se Veneza, a magica princeza da Laguna, adornada de palacios de marmore, campanarios bysantinos e zimborios orientaes; depois encontra-se a região das mulheres formosas e dos maiores genios das bellas artes: Bolonha, Ravenna, Rimini, Urbino e Pesaro, d'onde se avistam os mais altos pinaros do Apennino, os quaes tranpostos, desvendam a nobre Toscana, com as collinas de Florença, tão bem delineadas e inspiradoras de um sentimento de delicada elegancia, que a tragica solemnidade dos grandes monumentos e da estranha paisagem de Roma transforma em silenciosa veneração.

Da cupola de Brunellesco a vista alcança as penedias da Liguria athleticas dominadas, das montanhas de Carrara, e os lineamentos da Gorgonha, donde o espirito vôa naturalmente á ilha d'Elba, depois de retroceder a Pisa e cogitar rapidamente nas imprecações de Dante contra aquella cidade outr'ora poderosa e illustre; rompe até os montes umbrianos e as nascentes do Tibre, e cheia dos encantos que lhe presta a imaginação reanimando os exercitos romanos contra as phalanges victoriosas de Annibal, ou fazendo surgirem dos seus gloriosos tumulos os grandes artistas que desde o fim dos tempos gothicos começaram a vida moral dos habitantes d'aquella deleitosa região; vai em demanda da cidade eterna, cuja magestosa cathedral encontraria, talvez, se não a detivessem as alturas de Siena, e, muito mais ao longe, as crateras extinctas de Viterbo, com suas ruinas etruscas, suas torres lombardas, sua cidade submersa, suas gargantas selvagens, que recordam mil successos, a começar da potencia dos Ostrogodos e das graças de Amalasentha, filha herdeira de Theodorico.

É tudo? Não: um paraíso mais doce espera o viajante em Napoles, onde a natureza e o céu attingem a maior belleza, e onde os rudes camponeses, vestidos com uma graça extrema, improvisam melopéas tão suaves, que parecem raptadas aos rouxinóes dos vizinhos e interminaveis pinhaes. Após, finalmente, vem a ponta occidental do celebre cothurno com suas commoções especiaes, em que a alma, remontando á altura dos Alpes, extasia-se contemplando o colosso fumegante da Sicilia.

Diante de tantos quadros da natureza, d'aquelles palacios de mosaico, d'aquellas vinhas deliciosas, povoadas de estatuas e bordadas de flores, foi sempre tão irresistivel e completa a fascinação, que os antigos conquistadores, atravessando a peninsula para submettel-a, sentiam-se conquistados nos seus proprios affectos, e como vencidos pelas graças do admiravel paiz que a ferro subjugavam.

D'ahi a saudade que os pungia, apenas se ausentavam d'elle; saudade que foi a origem primordial da expansão do *renascimento* italiano, como a razão e a consciencia universaes foram mais tarde a causa intima da emigração dos principios da revolução franceza em todas as direcções.

França e Italia, eis as duas patrias das intelligencias apaixonadas, e ao mesmo tempo as duas paginas mais fulgentes da historia dos povos modernos. A Inglaterra é dos inglezes, como a Allemanha dos allemães, ou a China dos chinezes; ninguem as cobiça, ninguem lhes contesta a intellectual ou moral autonomia; ao passo que a Italia, pelos seus primores, pela sua prioridade chronologica no trabalho da civilização, e a França, pela universalidade das suas idéas, que tudo resumem e simplificam, dilatam e applicam, pertencem a todos os povos perfectiveis, mórmente áquelles que têm os olhos e o cabello côr do mysterio, da noite, e do céu visto de um balão ou dos pinaros do Himalaya. De tal modo que se uma onda gigantéa submergisse a França, ou abysmasse a Italia uma oscillação volcanica, eu não sei que maior

vacuo se poderia abrir no coração dos homens que se deleitam na contemplação dos esplendores da intelligencia.

Os artistas e amadores de todos os paizes percorrem a Italia com a avidez do febricitante que sente, emfim, nos labios o gole saciador. Desde os grandes lagos do norte até o Etna e os reconcavos de Taranto, tudo quanto é grande, ou falla a linguagem do bello, ou canta a epopéa do espirito humano, é o objecto do seu estudo e de sua enthusiastica admiração.

PEDRO AMERICO.

Rio, 25 de novembro de 1884.

Gazeta de Noticias – Sábado, 17 de Janeiro de 1885, n. 17, p. 1.<sup>32</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Vôos da imaginação. – Saudades da minha patria. – Loucas aspirações de um pobre pintor. – Dupla physionomia e dupla alma de Roma. – Esta cidade continuará a ser a capital politica da Italia.**

No platonico vôo em que minha imaginação, semelhante á de todos os estrangeiros que visitam a Italia para contemplarem os monumentos historicos e as obras de arte, librava-se nas azas da philosophia e da esthetica, nem tudo me pareceu roseo, nem tudo isempto de macula; eu, porém, já havia aprendido na escola do infortunio a esquivar por amor do bello, a attenta consideração dos males que pungem a alma, porque ulceram cruelmente as sociedades; e quando o esforço imaginativo se tornava inefficaz para me afastar das tristes verdades, era á idéa da Patria que eu me apegava como a unica risonha no meio da universal realidade; era a esperança de ser util á mais formosa terra americana, que eu acariciava como a única consoladora de uma existencia profundamente alquebrada.

E quantas vezes, na verdade, desde que desembarquei na Europa, atravessando no manto do vapor os campos agricultados d'aquelle velho e afadigado continente, ou as entranhas das suas serras perfuradas, transpondo pelas pontes pensiles os leitões dos seus rios navegaveis e os seios dos seus valles ajardinados; avistando as suas costas artozoadas e a luz dos seus pharoes electricos; visitando os arsenaes gigantescos, as grandiosas alfandegas, as vastissimas fabric[a]s, as galerias de arte, as collecções scientificas, as doutas academias, e os estabelecimentos astronomicos, mecanicos e industriaes que por

---

<sup>32</sup> AMERICO, Pedro. Cartas de um Pintor. **Gazeta de Noticias**, RJ, n. 17, 17 jan. 1885, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/8113](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/8113). Acesso em: 02 mar. 2021.

toda parte multiplicam-lhe a opulencia; ou interrogando os monumentos historicos, admirando os primores do genio europeu, contemplando as maravilhas da intelligencia e do estudo patenteados nos descobrimentos da chimica, da physiologia, e em geral das sciencias positivas e biologicas; conversando de viva voz com pessoas distantes de mim centenaes de kilometros; vendo irrigadas e ferteis planicies outr'ora adustas e aridas, achanadas as montanhas, cortados os continentes, e como supprimidas as distancias que separam os diversos povos; quantas vezes, emfim, cogitando em tantos prodigios da actividade humana, e procurando descobrir as leis da aspiração geral das sociedades á plenitude do direito e da liberdade, não adejou-me o pensamento até o brasilico vergel, como a esperança em busca do valle da promissão destinado a receber quanto ella encerrava mais puro e mais grandioso nos seus ineffaveis arrebatamentos do idéal ?!

Tudo então parecia-me pequeno, comparado com a magnificencia dos grandes objectos encerrados na magestosa região que vai do Amazonas ao Prata; e devéras me ufanava de ter nascido em uma terra tão rica de maravilhas, que parecia creada para abrigar um povo de gigantes; e de novo sentia-me chamado aos credos particulares da geração cujo sentimento esthetico eu quizera interpretar dignamente, exprobrando-me quasi o comprazer-me entre affagos de gente estranha, em vez de aspirar unicamente as satisfações a que tem direito em sua patria qualquer cidadão, por humilde que seja, e a todos os contentamentos que derivam do apostolado politico em uma sociedade onde tudo ou quase tudo exige, para progredir, o sacrificio das considerações egoisticas.

A legislação, porém, d'esse grandioso paiz em que eu tentava fixar a mente como um astro de alento, era um obstaculo invencivel para que, simples operario do verdadeiro e do bello, fosse-me permittido collaborar directamente com o estadista e o soldado no aperfeiçoamento e exornaçã[o] da patria; e semelhante ao nauta que aguarda o vento favoravel para lançar-se aos mares onde talvez o traguem as tempestades, esperava nos decretos da Providencia como quem conhecia a irrefreavel progressão do direito na consciencia dos povos predestinados. Resignado, pois, a encerrar na aparentemente placida esphera da cogitação e da arte as aspirações do patriotismo, era para os peregrinos thesouros da esthetica que meu espirito do ordinario tornava como em busca de inalteravel serenidade, principalmente durante os ultimos annos da minha longa ausencia do amado paiz natal, em que a saudade e a melancolia communicaram novos sentidos á minha sensibilidade de artista e de brasileiro.

Então Veneza me attrahia como uma ruina magica e esplendida; attrahia-me Parma com o genio dos seus pintores, Florença com suas illustres recordações e seus campos graciosos, Genova com seus palacios grandiosos, Napoles com suas grutas profundas, seus vastos museus, suas ruinas gregas, sua

população a um tempo espirituosa e humilde, e sua maravilhosa paizagem, em que o sol vai imprimindo successivamente, da manhã á noute, as sete cores dos seus raios; attrahia-me, finalmente, Pesaro, Bolonha, Ravenna ou Taormina, illustres capitaes ou simples burgos, onde o observador encontra sempre vasto assumpto para detida contemplação.

Se, porém, muitas das mais interessantes cidades da peninsula encontram, a certos respeitos, rivaes no resto do globo, nenhuma de certo existe em todo elle que se possa comparar á Roma no conjuncto dos seus grandiosos titulos á universal admiração. Nenhuma, por isso, mais que ella deve captivar a attenção do artista estrangeiro e o inspirar fortemente.

Roma é uma cidade singular que, n'este sentido, nunca teve predecessora na historia, e, provavelmente, jámais será repetida na successão dos tempos. Ella é illustre pela immensidade das tradições que lhe são peculiares, pelas glorias que resume, pela solemnidade da sua historia; ella é magestosa pelos monumentos que encerra, pelos campos que a circumdam, pelas ruinas que coroam as suas celebres collinas.

Parece-vos ouvir alli a voz dos seculos a vos convidar á meditação profunda: parece-vos estar resoando aos vossos ouvidos o desconsolado prantear das tres idades da historia ao passar por cima d'ellas os carros triumphantes das gerações que surgem; e, d'envolta com os hymnos sacrosantos entoados sob a abobada da Sixtina, o ranger dos ossos das legiões de atletas que deixaram a imagem do seu endurecido animo nos muros denegridos do Coliseu. E de tantas ruinas venerandas, de tantos tumulos eloquentes, de tantos templos desolados, parece-vos ver surgirem as sombras dos Cesares, dos Virgílios, dos Catões e dos Tacitos, acompanhadas das hordas invasoras que assolaram a Europa, e dos trezentos mil deuses do Olympo e da Tartaria, para vos assombrarem com seus contos formidaveis.

Roma é hoje uma arena de combates renhidos, onde debatem-se furiosos os principios sociaes caracteristicos das duas porções de tempo que tem por élo o presente. Como cidade e como sociedade encerra duas entidades irreductiveis, profundamente contradictorias. Grandiosa pelas pompas do seu passado, e mesquinha pela destruição a que estão condemnados esses seus venerandos brazões; eloquente no anhelar pela liberdade, e muda na irremediavel decadencia em que fatalmente a arrojaram as victorias da razão desencarcerada, e, digamol-o tambem, da politica armada; bradando pela becca dos concilios contra as conquistas da consciencia livre, e contaminada do scepticismo moderno, que tudo alue e desbarata, ella parece conter em si a alma de dous atletas sentenciados a se despedaçarem mutuamente.

Todavia, no meio d'essa lueta de titães a que assisto o mundo com tamanha anciedade, vereis que as forças abandonam a Antiguidade; que no horizonte d'aquella cidade a um tempo de anjos [e?] de

bufalos já refulgem as luzes nuncias da universal concordia, enquanto seus muros côm do crepusculo, seus primitivos campanarios, e seus altissimos zimbórios vão protestando solemnemente contra a violação dos sagrados direitos do Padre-Rei, sobre os quaes convergem os raios dos seculares anathemas, como sobre a proa das triremes de Marcello convergiam os raios do sol reflectidos dos espelhos de Archimedes.

De modo que a Roma antiga, a verdadeira Roma dos Pontifices e dos archeologos, e a moderna capital da Italia vivem n'um doloroso antagonismo, que a simultaneidade dos acontecimentos de natureza opposta e mutuamente hostís transforma em traçoeiro amplexo. A propria <<campanha>> romana parece repellir, como desfarçados algozes, o progresso e a civilização que pretendem modificá-la; e assiste indifferente ao duello de morte entre a tradição, que a conserva intacta, e a prophecia garibaldina, que desvenda-lhe a propria fecundidade.

Eu não creio que Roma deixe jamais de ser a capital do Reino Italiano, a menos que imprevístos acontecimentos politicos e militares venham mudar totalmente a face das cousas. Qualquer tentativa para fazel-a abdicar em favor de outra cidade da peninsula, fosse essa rica como Milão, grande como Napoles, ou culta como Florença, seria taxada de infantil, porque o espirito nacional nem por sonho admite retiradas de semelhante ordem depois das victorias que assignalaram a sua maior conquista.

PEDRO AMERICO.

Rio, 14 de janeiro de 1885.

Gazeta de Noticias – Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 1885, n. 49, p. 1-2.<sup>33</sup>

## **CARTAS DE UM PINTOR**

**Os campos romanos. – Os sublimes aleijões. – Quando se entra no Vaticano e quando d'elle se sahe. – Os estrangeiros na cidade Eterna. – Questão de interesse universal ácerca do Vaticano.**

Não é sómente em si, e considerada como um vasto monumento archeologico, que Roma merece a attenção dos pensadores: a singular paizagem que a circunda, a *Roma agreste* de Plinio e Tertuliano, offerecem ao homem que estuda, mil assumptos dignos da mais detida contemplação.

Quem, do alto da cupola de S. Pedro, por exemplo, olha para os campos austraes, por cima dos montes Albanезes, avista uma vasta planicie que se estende desde a *via Appia* até os *paludes pontinos*,

---

<sup>33</sup> AMERICO, Pedro. Cartas de um Pintor. *Gazeta de Noticias*, RJ, n. 49, 18 fev. 1885, p. 1-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_02/8253](http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/8253). Acesso em 02 mar. 2021.

tendo á esquerda e um tanto acima das collinas de Tivoli os contornos dos Appeninos, e á direita o Mediterraneo. Aquelle grandioso quadro em que estão reunidos tres dos maiores objectos da natureza, a planicie, a montanha e o mar, produz-lhe na alma uma suave harmonia, que resoa saudosa emquanto dura a recordação. Se, porém, demorar-se alli até á hora em que a friagem da tarde começa a precipitar os vapores para terra, e a tanger os bufalos para os seus tugurios, a impressão recebida antes de pôr-se o sol transformar-se-lhe-ha profundamente.

N'essa hora o mar parece alongar-se desmesuradamente na direcção do astro, porém vasio, sem ilhas, plano e aparentemente tranquillo como a superficie de um metal em fusão; ao sul vai-se tornando cada vez mais assombradora a fatal planura, humida e insalubre, semeada de tóros de antigos aqueductos, e povoada de templos e tumulos pagãos, tudo em ruinas; ao oriente o Appenino, escondendo o horizonte com sua cumiada de côr cerulea e mesta. De modo que, dilatado por sentimentos gratos e suaves, começa o coração a confranger-se-lhe perante aquelle espectaculo severo, aquella sobria variedade, aquella melancolica região por onde serpeia o Tibre, região tão inimiga do homem, que, quando se cobre com a clamide solar, só produz miasmas e molestias, em vez de fructos e boninas.

A grandeza das considerações despertadas pela eloquencia da archeologia e da historia cede a alma á melancolia da realidade. Assim, a Roma civica e a *Roma agreste* não passam, consideradas a certa luz, de um envolver de contradições irreductiveis.

Nas sociedades sul-americanas, o artista é uma imagem de Roma, um complexo de orgulho e humildade, de luz e sombras, de aspirações e desenganos; um monumento que ergue as grimpas ao ether do espaço e esconde os alicerces no pó das estradas, onde rodam as carruagens dos felizes especuladores; um anjo que canta com transporte os hymnos do céu, emquanto arrasta pela superficie da terra a lyra despedaçada nos combates com a miseria; porém mais do que tudo, é elle um antecipado anachronismo.

A natureza devera ter suffocado no berço a criancinha brasileira, marcada com a aureola da inclinação e do talento artisticos, como as leis de Lycurgo mandavam fazer aos innocentes aleijados.

Ao menos as instituições nacionaes se deviam oppor a que a sublime disformidade da predestinação não produzisse os desgraçados que por ahi andam á procura de um espaço para um quadro ou uma estatua, n'um paiz vasto como metade da Europa, e rico como as regias de Babylonia.

Scientie d'estas e de outras verdades do mesmo genero, porém alentado pelo amor do bello, que sempre ardeu vehemente em minha alma, era ás vezes um devaneio reparador para mim o galgar até á esphera que serve de base á cruz do zimborio, e descer depois á capella Sixtina e ás camaras de Raphael.

Ora, quando um homem sensivel, e mediocrementemente instruido que seja, entra no Vaticano, como que apodera-se delle um grande espirito, como que soa-lhe aos ouvidos um cantico indefinivel; e elle

caminha respeitosa, anhelante, suspenso, como se o espectáculo das maravilhas que o rodeiam, o desterrasse da realidade, e enchesse-lhe de ether e luz o seio da consciencia. É uma deliciosa vertigem, que dura enquanto dura o prodigio da perfeição. Por fim, a alma sente-se abatida, a sensibilidade exausta, a vaidade aniquilada. Aquella atmospha vibrante, rarefeita, scintillante, é como a atmospha das altas montanhas, que só convém ás aguias; só essas outras chamadas aguias da intelligencia se comprazem nella, e podem receber sem fadiga os raios das deslumbrantes bellezas em suas rotinas de aço.

Pobre phalena dos sertões americanos, custava-me, em tão altas regiões, acompanhar com vôo tímido os grandes genios que por alli adejaram triumphantes a espargir perolas de luz e visiveis harmonias; o espectáculo que me rodeiava, era porém como um facho que me attrahia e me queimava: de ordinario eu me deixava consumir em sua chamma, até que os guardas pediam-me que sahisse, á hora em que Pio IX, pela segunda vez no dia, passeiava na sua esplendida regia, de cujas galerias, illustradas pelo genio de Raphael, o santo homem abençoava a cidade [e?]terna, já envolta no humido manto do crepusculo.

D'aquelle paço enorme, as camaras do qual sobem ao fabuloso numero de onze mil; d'aquelle colossal edificio que contém magnificos museus de tudo quanto ha mais prodigioso entre os primores das bellas artes; d'aquelle exeptional monumento, que resume tantas das tradições mais formidaveis e mais gloriosas da humanidade: trazem em geral os estrangeiros bem modificadas as suas déas a respeito dos papas, e em particular do actual pontifice, cuja protecção ás sciencias, ás letras e ás artes liberaes se parece tão pouco em sua generosa munificencia e em sua nobre modestia, com o que a tal respeito imaginam muitos reputados politicos da minha terra.

De vez em quando, durante o mesmo dia, milhares de peregrinos, de jornaistas, de amadores, de curiosos de todas as crenças e de todas as nacionalidades, sobem ou descem as grandes escadarias do Vaticano: a vel-os de longe dir-se-iam bandos de cupins errando vagarosos sob as abobodas dos Tarquinius, ou indolentes magotes de formigas no meio de uma larga estrada; tanto as proporções materiaes do homem parecem ridiculas comparadas á vastidão do immenso andito.

Fallai-lhes á sahida, e vereis que emmudeceram, que vos não comprehendem, e ainda sob o abalo das desacostumadas commoções estão meio desatinados, como quem acorda de uma aventura paradisiaca e de repente se acha cara a cara com um pobre mortal que o interroga a respeito de repolhos e bananas. Não sabem o que se passou de revoluções em sua alma diante das collossaes figuras de Miguel Angelo; ignoram por quaes prodigios de arte conseguiu Raphael tornar tão formosos os seus hereges, que os proprios papas, em éras de plena intolerancia religiosa, lhes deram guarida nos templos do

catholicismo; não explicam a magia de um traço de grande mestre unido a um pouco de terra polychroma, mas descobriram em si um novo entendimento, e como um novo órgão para progredir livremente nos rarefeitos ambientes que o genio da arte semeou de maravilhas.

Quando Carlos VIII e Luiz XII atravessaram triumphantes as cidades da [final p. 1, início p. 2] Peninsula, a populaça os acolheu com o pasmo que produz a apparição inopinada de uma horda semi-barbara: a pouca elegancia dos trajes que traziam, a má catadura dos cabos de guerra que os seguiam, a bronca artilharia de que dispunham, os cavallos que lhes serviam de montaria, e aos quaes haviam feito cortar as caudas e as orelhas; todo aquelle aparelho ambulatorio e phantastico, illuminado, no seu ingresso em Roma, pelo clarão sinistro de archotes ameaçadores e fogueiras incendiarias, contrastava com o aspecto gentil das festas em que o chefe do catholicismo patenteiava a excellencia do espirito italiano.

Os dous reis de França confessavam-se offuscados no meio dos esplendores da côrte pontificia; e quando regressaram aos seus Estados, estavam convertidos aos usos dos vencidos, como Scylla entre os athenienses, ou Syro entre os primores da arte egypcia. Roma os havia modificado tão profundamente, que os proprios compatriotas os appellidaram estrangeirados, em os vendo trajarem á florentina, montarem á genoveza, e fallarem com frequencia a linguagem da arte e da poesia italianas.

Francisco I foi mais completo: não sómente importou os requintados costumes das côrtes sub-alpinas, como uma pleiade de architectos, de pintores, de cinzeladores, de artistas de todo o genero, cujo ensino illustrou a França, de onde irradiou-se pela Europa, e passou ao novo mundo como a luz de um astro creador e deslumbrante.

Ainda hoje a Italia produz na alma do homem predestinado aos grandes sacerdocios da arte e da litteratura ineffaveis arrebatamentos, que nenhum outro paiz poderia occasionar; e emquanto a França e a Allemanha litigam pela possessão de uma provincia de nacionalidade dubia, ou da maxima influencia militar e politica da Europa; emquanto as outras nações curam attentas de seus interesses obscuros e egoisticos; ella, concentrando nas instituições nacionaes a attenção geral dos cidadãos, resume na questão do Vaticano, como côrte politica ou como simples regia de um chefe espiritual, uma controversia muitas vezes secular e jamais indifferente á christandade.

PEDRO AMERICO.

Rio, 10 de fevereiro de 1885.